



EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

Imagens de roca e de vestir



REALIZAÇÃO:



PATEO DO
COLLEGIO



JESUÍTAS BRASIL

APOIO:



FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL



Fundação
Energia e
Saneamento

EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

As imagens de roca e de vestir

Eron Matheus Bitencourt, historiador e coordenador do setor educativo dos museus do Pateo do Collegio



*Menino Jesus na Porta do Templo. Madeira entalhada e policromada; tecido; metal, século XIX.
Coleção: Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Acervo do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas,
Pateo do Collegio.*

A tradição de vestir esculturas sacras remonta à Idade Média, com exemplos desse uso desde pelo menos o século XIV. Em uma época em que a maioria da população era iletrada, o uso da imaginária e do teatro vai servir para a devoção e educação dos fiéis, adaptando as vestes e teatralidade das marionetes para apresentar e propagar a vida dos santos.¹

No Brasil, essa tradição chegará com os colonizadores portugueses, estando presente também em todos os locais de colonização e tradição ibérica, de maneira mais ampla. Nesse contexto, o teatro com imagens será influenciado pela estética e mentalidade típicas do período barroco, em que a arte religiosa católica assume uma nova dimensão e complexidade a partir das diretrizes estipuladas pelo Concílio de Trento (1545-1563).

Podemos dividir esse tipo de imaginária em duas categorias: as imagens de vestir e as imagens de roca. O primeiro grupo refere-se às imagens inteiramente esculpidas ou entalhadas, muitas vezes com membros articulados, e que são adornadas com vestes, joias e perucas. São frequentemente

¹ FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA, Ano II, n. 2. Salvador: out. 2005.

usadas em procissões, embora também sejam empregadas como imagens retabulares, para devoção dentro dos templos.

Já as imagens de roca, por definição, são esculturas articuladas, compostas por armações ocas ou vazadas, muitas vezes formadas por ripas de madeira. São cobertas por vestes e outros adornos, e seu uso está vinculado às procissões e, sobretudo, ao teatro religioso. As articulações permitiam o movimento das esculturas durante as encenações, onde as vestimentas e perucas contribuíam para uma maior verossimilhança. A estrutura vazada tornava as imagens mais leves, facilitando o transporte para diferentes espaços. Como não têm muitos detalhes e são livres de atributos, são esculturas muito versáteis, podendo a mesma peça representar diferentes personagens, bastando para isso trocar as vestes.

O termo roca pode fazer referência ao instrumento usado para a fiação dos tecidos, aludindo às vestes portadas por essas esculturas. Outra possibilidade seria uma referência à paisagem desértica e rochosa onde aconteceram os eventos da vida de Cristo, e que serviriam de cenários para as peças – roca, em espanhol, significa rocha. Curiosamente, esse termo não é empregado na tradição de origem espanhola, onde se utilizam os termos “caballete”, “trípode”, “arcadijo” e “bastidor” para esse tipo de imagem.² O primeiro dicionário da língua portuguesa, escrito por Raphael Bluteau e publicado em meados do século XVIII, não distinguia os dois tipos de imagem, definindo as “imagens de roca, e de vestidos” como “[...] a que tem armação de paos, cuberta de vestidos, q a sustenta da cintura até os pés.”³



Fachada do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, Embu das Artes, São Paulo.

2 CAMPOS, Eduardo da Costa. Nossa Senhora da Glória e suas aias: Apronto, cuidado e devoção. Um exemplo no Universo Imaginária de Vestir. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ) para obtenção do Certificado de Especialização em História da Arte Sacra. Rio de Janeiro, 2017.

3 Bluteau, Rafael. Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos. P. 350.

Em Embu das Artes, o **Museu de Arte Sacra dos Jesuítas**, do Pateo do Collegio, possui um extenso acervo de imagens de roca e de vestir, produzidas entre meados do século XVIII e a segunda metade do século XIX. Parte majoritária desse acervo é de peças utilizadas para encenações no período da Páscoa, com conjuntos representando cenas como a Santa Ceia, Emaús, o Calvário e a Crucificação de Cristo.

“[...] mostram-se ainda nestra matriz, uma bella e perfeita imagem do Senhor dos Passos e outra de Nossa Senhora das Dores, feitas em madeira por um dos últimos Vigarios, o Padre Andre Joaquim da Silva Macaré, fallecido em 1843. São tambem deste Padre doze imagens dos apóstolos e ainda outras, algumas das quaes nao concluídas, e que sao verdadeiras cureisidades, dignas de se conservarem.”

No ano de 1909, esteve na então vila de Mboy o arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva. Na ocasião, a partir da tradição oral dos moradores da região, atribuiu a autoria de parte dessa coleção⁴:



Detalhe da imagem do Bom Jesus. Madeira policromada e entalhada, tecido bordado e com aplicações e cabelo humano. Acervo: Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, Pateo do Collegio.



Senhor dos Passos. Madeira policromada e entalhada, cabelo humano e tecido. Acervo: Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, Pateo do Collegio.

Padre Macaré, como era popularmente conhecido, foi responsável pela igreja de Nossa Senhora do Rosário em dois momentos: de 1816 a 1823 e de 1828 a 1843. Considerando verdadeira a informação coletada por D. Duarte Leopoldo e Silva, podemos estender sua autoria a uma imagem de Bom Jesus, dada sua semelhança com o Senhor dos Passos mencionado pelo arcebispo, que pode indicar uma autoria comum. Colabora para essa hipótese o fato de o excerto de Dom Duarte, citado acima, fazer menção a “ainda outras [imagens]”, o que sugere a existência de outras obras atribuídas a Macaré.

⁴ Livro Tombo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1882-1920). ACM, 10-02-32. Transcrição paleográfica nossa. In: BRITO, Angélica; ROSA, Júlia; BITENCOURT, Eron. Descobrendo Embu no Museu: Guia Temático do Professor. Pateo do Collegio: São Paulo, 2014.

Segundo a tradição popular local, a imagem do Senhor dos Passos, cuja autoria é atribuída ao padre Macaré, teria sido esculpida por um padre cego. Não há, no entanto, nenhuma menção à perda de visão na documentação conhecida sobre a vida do religioso. Em todo caso, talvez a tradição oral seja um indício de que o antigo vigário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário tenha sido acometido de alguma doença dos olhos, possivelmente sofrendo de baixa visão em alguma época de sua vida – e é interessante imaginar que ele tenha produzido parte de sua obra mesmo nessas condições.

A produção de imagens de roca do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas insere-se no contexto de um antigo aldeamento jesuítico. No século XIX, época de atuação do padre Macaré no local, a população era composta por indígenas anteriormente aldeados, de etnia Carijó, e seus descendentes, que passaram a se miscigenar com os descendentes de colonos europeus, dando origem à etnia e cultura caipira presente em toda a Paulistânia. Essa população manteve vivas muitas tradições originárias da atuação jesuítica na localidade, como as procissões e as festas religiosas (de Santa Cruz e de Nossa Senhora do Rosário). É também no período jesuítico (c.1670-1759) que encontra-se o embrião de grande parte da tradição artística local, continuada no século XIX, com a imaginária de roca - e que ganhará uma nova dimensão em meados do século XX, a partir da influência modernista.